



DEBATES

# INTERROGANDO A PRODUÇÃO DO ESPAÇO

Thomas Cortado<sup>1</sup><sup>1</sup>Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), SP, Brasil

Depois de contar como cheguei a incorporar o trabalho de Louis Marcelin às minhas próprias pesquisas sobre a produção do espaço nas favelas e nos loteamentos periféricos, quero ressaltar dois aspectos muitas vezes despercebidos da casa segundo proposto por Louis HERNES Marcelin: sua inscrição no tempo longo (Braudel 1958) e sua função de agenciar corpos e territórios. Concluo com alguns comentários mais críticos, que têm a ver com a relação entre a casa e o espaço abrangente.

Cheguei a me interessar pela antropologia das casas devido à minha insatisfação com os estudos de morfologia social, os meus principais interlocutores durante a minha dissertação de mestrado sobre a favela do Vidigal (Cortado 2012). Querendo expor a diferenciação interna da favela, contra os dogmas das monografias tradicionais (Valladares 2005) e o lugar-comum da “comunidade” (Birman 2008), eu tinha buscado a minha inspiração teórica no trabalho de Anthony e Elizabeth Leeds (1978), relido por Luiz Antonio Machado da Silva (2011) e Marcos Alvito (2005). Analisei então a divisão da favela em várias localidades, ocupadas por populações com condições socioeconômicas, estatutos e graus diferentes de acesso às infraestruturas urbanas. Entretanto, faltava explicar a gênese de tais divisões. Tratando-se de assentamentos autoconstruídos, o que me atraiu na antropologia das casas, e penso aqui nos trabalhos do Marcelin, mas também de Moacir Palmeira (1977), Afrânio Garcia (1983), Beatriz Heredia (1979), Ana Margaret Heye (1980), Klaas Woortmann (1982) e, mais recentemente, João de Pina-Cabral (2014), foi a possibilidade de analisar etnograficamente a produção do espaço. Esta perspectiva etnográfica apontava para o papel das categorias graças às quais as pessoas se orientam no espaço (a casa é uma delas, talvez a mais importante), para os efeitos das dinâmicas familiares sobre a ocupação do espaço e para as formas de subordinação

incorporadas ao ato mesmo de morar. Adotei esta perspectiva na minha pesquisa de doutorado (Cortado 2021) e na minha análise da *meia-água*, estilo de construção residencial muito comum nos loteamentos periféricos do Rio de Janeiro (Cortado 2019b).

Há dois pontos na tese de Marcelin que eu gostaria de ressaltar. Eles não necessariamente ficam no centro da argumentação, mas suas potencialidades analíticas merecerem uma atenção maior. O primeiro diz respeito à temporalidade dos fatos com os quais a antropologia da casa lida. De modo talvez contraintuitivo, Marcelin volta sempre para a longa duração na construção de suas análises, tomando como ponto de partida para a análise da família afro-brasileira atual o sistema da *plantation*. Ele define este sistema como “um sistema social hierarquizado cuja ideologia da raça funda e justifica, pelos princípios da economia das *plantations*, um lugar social e cultural específico para os autóctones e os descendentes de africanos escravizados” (1996:137). Portanto, a etnografia das casas afro-brasileiras também é uma etnografia desse lugar social e cultural específico ocupado pelos nativos e descendentes de africanos escravizados, uma etnografia da experiência hierárquica dessas mesmas famílias, do modo como as hierarquias étnicas e de classe foram incorporadas às suas práticas e representações. A antropologia da casa aponta para a *longue durée* das hierarquias, além do tempo curto das experiências individuais, biográficas.

O segundo ponto diz respeito à casa como agenciamento, no sentido de Deleuze e Guattari (Deleuze & Guattari 1980; Deleuze & Parnet 1996; Cortado 2021), isto é, à organização territorial do desejo: “a casa como construção física não é separada dos corpos que a habitam ou que nela transitam, nem das redes de pessoas que a modelam” (Marcelin 1996:80). Se esta proposta abre caminho para uma fenomenologia do habitar, para além da oposição entre corpos e espaços, habitat e habitar, ela acabou ficando no segundo plano da análise, sendo substituída por uma abordagem mais classicamente estruturalista: “A casa em seu conjunto é pensada na junção, por assim dizer, da ordem da natureza e da ordem social, da ordem do simbólico e na do econômico, da ordem da exclusão e na da integração social e, enfim, na do dia e da noite” (:89). É verdade que, ao lado desse estruturalismo clássico que lembra o Bourdieu da casa *kabyle* (2000), Marcelin apontou para as tensões, os conflitos que sempre estão em jogo na construção da casa. “Ela é uma conquista contra as violências dos conflitos familiares e domésticos, mas também uma conquista de novos membros, um esforço de fusão contra as forças reais e temíveis de ruptura. Uma vitória momentânea do simbólico sobre o econômico” (Marcelin 1996:101). Há, portanto, algo como uma “geopolítica da vida familiar”, conceito que eu tento desenvolver nas minhas

pesquisas em curso, envolvida nesse processo (Cortado 2020). "A *casa*, como a ela se referem os próprios agentes, é compreendida menos como espaço físico, fixo, sob a firme direção de um chefe – cujas fronteiras de jurisdição seriam claramente definidas – do que como um compromisso de cooperação multidimensional entre *parentes* e entre as gerações. Esse compromisso se apresenta como um dos suportes que tornam possível a realização da categoria *família*" (Marcelin 1996:102). Assim, "as configurações de casas se constroem numa *estrutura de tensão* entre a hierarquia e a autonomia, entre o coletivismo e o individualismo, entre os mecanismos tradicionais de socialização e o impulso pós-moderno dos modos de consumo etc." (:108).

Agora, gostaria de tecer algumas críticas. A primeira tem a ver com o papel do pai na organização da família negra, ausente ou preso à esfera do trabalho. As minhas pesquisas mostram que os homens também participam da vida doméstica, quando se trata de construir, consertar, ampliar a casa, atividades recorrentes e de uma importância fundamental no universo das classes populares brasileiras – mas acredito também que os homens participam de atividades ligadas ao cuidar (*dar uma surra* nos filhos malcomportados, ensinar uma *profissão*, oferecer apoio aos filhos em ruptura com a mãe etc.). Será que, ao combater o modelo do *pater potestas*, da família patriarcal, Marcelin não caiu no estereótipo da família matrifocal? Qual masculinidade está em jogo na produção da família afro-brasileira, na construção da casa? E, reciprocamente, como a masculinidade afro-brasileira interfere na produção da casa e da família?

A segunda crítica tem a ver com o adjetivo "local", muito comum na tese. Aparece tanto como variável explicativa (a economia do Recôncavo baiano, as "configurações locais e étnicas"), tanto como variável explicada pelo simbolismo ("essa construção simbólica informa a construção espacial, de modo que, em seus mínimos detalhes, não se possa separar dessa representação física a construção simbólica a que ela encarna" [Marcelin 1996:131]). Por um lado, o local como contexto. Por outro, o local como "espaço de representação", para parafrasear Henri Lefebvre (2000). Falta, no entanto, o local como "prática espacial", como realidade agida. De que maneira se passa do simbolismo para a produção efetiva do espaço? É preciso atentar mais para o trabalho concreto de produção da localidade, o qual envolve toda uma "economia cotidiana" (Motta 2014), transações no mercado imobiliário, por exemplo, e "tecnologias políticas" (Cortado 2019a), como as políticas habitacionais. É preciso romper de vez com o estruturalismo clássico, que enxerga na casa um espaço de representação, para se dedicar à casa como "prática espacial". Isto ajudaria a entender melhor os conflitos, as "estruturas de tensão", para além de uma combinatória simbólica.

Por fim, vejo duas interpretações diferentes da configuração de casas em Marcelin, conceito central que já despertou inúmeras discussões entre os estudiosos das casas. “Essas redes domésticas-que-se-constroem, no cotidiano, nas periferias de Cachoeira e nos bairros populares observados em Salvador, se produzem a partir das referências espaciais que concretizam cada casa. Essas referências espaciais concretizadas por um certo número de casas, eu as designo como *configurações de casas*. A configuração de casas não se dá como um conjunto imediatamente localizável” (:108). “As redes de apoio familiares, através das configurações domésticas e/ou das casas, se localizam, se regionalizam e, em certos casos, se inter-regionalizam” (:117). Por um lado, as configurações de casas são translocais, por outro lado, são redes familiares localizadas. Qual é exatamente o estatuto da localidade no reconhecimento das configurações pelo observador e na construção dessas configurações pelos nativos? Talvez seja necessário distinguir entre a configuração de casas como rede de pessoas, o que eu chamaria de “quase-configuração de casas”, numa analogia com o conceito de “quase-grupos” de Mayer (1987), da configuração de casas *stricto sensu*. A extensão da primeira depende do ego a partir do qual observamos o fluxo de coisas e pessoas, enquanto a segunda remete a uma experiência mútua do espaço, como no caso das *concessions* oeste-africanas (Le Bris et al. 1985), dos *lakou* haitiano (Dalmaso 2018) ou do *allegamiento* chileno (Araos 2020).

Recebido em 16 de julho de 2021

Aprovado em 17 de julho de 2021

---

Thomas Jacques Cortado é doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional (PPGAS/MN/UFRJ) e ex-aluno da Escola Normal Superior de Paris (ENS-Ulm). Está realizando o pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) como bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp, processo 2018/12573-9). Faz parte do Núcleo de Estudos sobre Cultura e Economia (NuCEC), do Grupo Casa e do laboratório Urbano (IFCS/UFRJ). Pesquisa processos de urbanização na fronteira das grandes metrópoles, em particular as interações entre práticas de autoconstrução, dinâmicas familiares, relações de propriedade e tecnologias de governo nos loteamentos periféricos do Rio de Janeiro.

<https://orcid.org/0000-0003-2243-8735>

E-mail: [cortado.thomas@gmail.com](mailto:cortado.thomas@gmail.com)

## Referências bibliográficas

- ALVITO, Marcos. 2005. "Um bicho-de-sete-cabeças". In: A. Zaluar & M. Alvito (orgs.), *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. pp. 181-208.
- ARAOS, Consuelo. 2020. «Mouvements et reconnaissances: circulations résidentielles et gouvernement de la parenté à Santiago». *Etnográfica*, 24 (3):725-748.
- BIRMAN, Patrícia. 2008. "Favela é comunidade?". In: Luiz Antonio Machado Silva (org.), *Vida sob cerco: Violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. pp. 99-114.
- BOURDIEU, Pierre. 2000. *Esquisse d'une théorie de la pratique: Précédé de trois études d'ethnologie kabyle*. Paris: Seuil.
- BRAUDEL, Fernand. 1958. «Histoire et Sciences sociales: La longue durée». *Annales*, 13 (4):725-753.
- CORTADO, Thomas. 2012. *La communauté en miettes: La morphologie sociale d'une favela brésilienne*. Dissertação de Mestrado em Etnologia e Antropologia Social, EHESS.
- \_\_\_\_\_. 2019a. "Entre a moral e a política: a "habitação econômica" no Rio de Janeiro". *Mana*, 25 (2):303-335.
- \_\_\_\_\_. 2019b. "Meia-água: producing space and kinship in an irregular housing subdivision in Rio de Janeiro". *Articulo – revue de sciences humaines*, 20.
- \_\_\_\_\_. 2020. "Casas feitas de olhares: uma etnografia dos muros em um loteamento periférico do Rio de Janeiro". *Etnográfica*, 24 (3):665-682.
- \_\_\_\_\_. 2021. "Aos poucos: agenciando pessoas, casas e ruas na periferia do Rio de Janeiro". *Sociologia & antropologia*, 11 (1).
- \_\_\_\_\_. 2021. *À beira da cidade: Política e poética do loteamento*. Rio de Janeiro: 7Letras. No prelo
- DALMASO, Flávia. 2018. "Heranças de família: terras, pessoas e espíritos no sul do Haiti". *Mana*, 24 (3):96-123.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. 1980. *Mille plateaux*. Paris: Éditions de minuit.
- DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. 1996. *Dialogues*. Paris: Flammarion.
- GARCIA, Afrânio Raul. 1983. *Terra de Trabalho: Trabalho familiar de pequenos produtores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- HEREDIA, Beatriz. 1979. *A morada da vida: Trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- HEYE, Ana Margarete. 1980. "A questão da moradia numa favela do Rio de Janeiro ou como ter Anthropological Blues sem sair de casa". In: G. Velho (org.), *O desafio da cidade*. Rio de Janeiro: Editora Campus. pp. 117-142.
- LE BRIS, Emile; MARIE, Alain; OSMONT, Annick & SINOUE, Alain. 1985. «Résidence, stratégies, parenté dans les villes africaines». *Les Annales de la Recherche Urbaine*, 25 (1):13-30.
- LEEDS, Anthony & LEEDS, Elizabeth. 1978. *A sociologia do Brasil urbano*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LEFEBVRE, Henri. 2000. *La Production de l'espace*. Paris: Economica.
- MARCELIN, Louis Herns. 1996. *A invenção da família afro-americana: Família, parentesco e domesticidade entre os negros do Recôncavo da Bahia, Brasil*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

- MAYER, Adrian. 1987. "A importância dos "quase-grupos" no estudo das sociedades complexas". In: B. Feldman-Bianco (org.), *Antropologia das sociedades contemporâneas: Métodos*. São Paulo: Global. pp. 127-158.
- MOTTA, Eugênia. 2014. "Houses and economy in the favela". *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, 11 (1):118-158.
- PALMEIRA, Moacir. 1977. "Casa e Trabalho: nota sobre as relações sociais na plantation tradicional". *Contraponto* (2):103-114.
- PINA-CABRAL, João de. 2014. "Agnatas, vizinhos e amigos: variantes da vicinidade em África, Europa e América". *Revista de Antropologia*, 57 (2):23-46.
- SILVA, Luiz Antônio Machado. 2011. "A política na favela". *Dilemas – Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, 4 (4):699-716.
- VALLADARES, Lícia do Prado. 2005. *A invenção da favela: Do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- WOORTMANN, Klaas. 1982. "Casa e família operária". *Anuário Antropológico*, 8:119-150.

## INTERROGANDO A PRODUÇÃO DO ESPAÇO

### Resumo

Além de contribuir para o estudo da família afro-brasileira, o trabalho de Louis Marcelin reflete de forma original sobre a produção do espaço nas periferias populares. Em particular, mostra como o espaço habitado reproduz hierarquias raciais inseridas na longa duração do tempo histórico e como as casas agenciam corpos e territórios. Contudo, Marcelin pouco aprofundou o estatuto do espaço nas próprias configurações de casas. Este artigo enfrenta o problema através da distinção entre "quase-configurações de casas" e "configurações de casas" *stricto sensu*: enquanto as primeiras dependem apenas do ego a partir do qual observamos fluxos de coisas e pessoas, as segundas remetem a uma experiência mútua do espaço.

**Palavras-chave:** Configuração de casas, Temporalidade, Hierarquia, Agenciamento, Localidade.

## QUESTIONNING THE PRODUCTION OF SPACE

### Abstract

In addition to the study of the Afro-Brazilian family, Louis Marcelin's work contains original reflections on the production of space among the urban peripheries. It shows how inhabited space reproduces racial hierarchies and how houses join bodies and territories. However, Marcelin did little to analyze the exact status of space in the configurations of houses themselves. This article addresses this issue through the distinction between "quasi-configurations of houses" and "configurations of houses": while the former depend only on the ego from whom we observe flows of things and people, the second refer to a mutual experience of space.

**Keywords:** House Configuration, Temporality, Hierarchy, Agency, Location.

## INTERROGANDO LA PRODUCCIÓN DEL ESPACIO

### Resumen

Además de contribuir a los estudios sobre la familia afrobrasileña, la obra de Louis Marcelin reflexiona originalmente sobre la producción del espacio en las periferias populares. En particular, muestra cómo el espacio habitado reproduce las jerarquías raciales insertadas en la larga duración del tiempo histórico y cómo las casas agencian cuerpos y territorios. Sin embargo, Marcelin poco indagó en el estatuto del espacio en las propias configuraciones de las casas. Este artículo se enfrenta al problema a través de la distinción entre "casiconfiguraciones de casas" y "configuraciones de casas" en sentido estricto: mientras que las primeras dependen solo del ego desde el que observamos flujos de cosas y personas, las segundas se refieren a una experiencia mutua del espacio.

**Palabras clave:** Configuración de casas, Temporalidad, Jerarquía, Agencia, localidad.